

# humanitas

Vol. LXIV  
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ainda a percorrer na interacção das academias e escolas científicas de Portugal e do Brasil.

NUNO S. RODRIGUES

KOIKE, Katsuzo (trad.), *William Heidel. O Livro de Anaximandro. O Mais Antigo Tratado Geográfico Conhecido*, S. Paulo, Ixtlan, 2011, 166 pp. ISBN: 978-85-63869-60-9.

A obra consiste numa tradução de *Anaximander's Book, the Earliest Known Geographical Treatise*, um artigo da autoria de William Heidel, publicado nas *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*<sup>1</sup>, já no longínquo ano de 1921 (56.7, pp. 239-288). Além da tradução, o A. incluiu também dois preciosos apêndices que evitam a multiplicação de anotações explicativas e permitem manter a numeração original das notas do original, mas simultaneamente enriquecer o texto com o cotejo da bibliografia entretanto publicada<sup>2</sup>; uma nota de apresentação que esclarece o âmbito e objectivos da obra (pp. 7-12); e também uma vasta listagem da bibliografia sobre Anaximandro (pp. 147-166) produzida entre a data do artigo e a desta sua tradução.

Heidel, o autor, foi um classicista americano cuja influência no mundo académico não teve o impacto que talvez merecesse. Especialista em Hecateu, Heródoto e Platão (sobre o qual redigiu a sua dissertação de doutoramento intitulada *Pseudo-Platonica*, apresentada à Universidade de Chicago em 1895), e estudioso de várias áreas dos Estudos Clássicos (Pré-Socráticos, poesia lírica e trágica, medicina entre outras), Heidel leccionou na modesta Universidade de Wesleyan (Middletown, Connecticut). Talvez por isso, nunca conseguiu criar em torno de si um círculo de discípulos que desse continuidade aos seus trabalhos. Em todo o caso, como salienta o A., ‘a qualidade e profundidade dos seus trabalhos são indubitavelmente dignas de respeito’ (p. 8).

---

1 Esta publicação manteve esta designação até 1958. A partir dessa data, e ainda actualmente, continuou activa, mas sob o título *Daedalus*.

2 É o próprio A. que o afirma: ‘Para evitar sobrecarregar a tradução de notas e comentários, foram apresentados dois apêndices, não apenas com o objectivo de manter a numeração original das notas no corpo do texto, mas ainda visando fornecer subsídios para enriquecer e atualizar a discussão do tema’ (pp. 11-12).

O artigo aqui traduzido, prova indubitável da competência interpretativa e do rigor científico de Heidel, visa reconstruir o tratado de Anaximandro (de que só restam fragmentos) a partir do confronto com a tradição doxográfica, mas sobretudo com a obra de Hecateu, seu conterrâneo mais recente, que, segundo Heidel, teria seguido a mesma metodologia que o seu antecessor. Nesta medida, a proposta é ler Anaximandro mais como geógrafo/historiador (como se torna bem evidente pelo subtítulo da obra: *O Mais Antigo Tratado Geográfico Conhecido*) do que cosmólogo de orientação física.

Os pressupostos são no mínimo ousados, pois que tradicionalmente Anaximandro é considerado um filósofo naturalista, isto é, um estudioso da *physis* que procura encontrar a ‘causa primeira’ (diríamos em termos aristotélicos) que justifique todos os fenómenos do cosmos, bem como da sua criação. É justamente esta a discussão principal do *Apêndice I* (pp. 83-124).

Em primeiro lugar, o A. esforça-se (e com sucesso, sublinhe-se) por actualizar o texto de Heidel através do seu confronto com as fontes e os estudos críticos entretanto publicados. Actualiza-o, portanto. No entanto, num segundo momento, questiona os seus pressupostos mais básicos, assinalando dois aspectos que nos obrigam a repensar por completo a possibilidade de aceitar esta ‘versão alternativa’ de Anaximandro. Antes de tudo, os poucos dados disponíveis confirmam as suas preocupações físico-cosmológicas e não essa suposta orientação histórico-geográfica: ‘Que seu livro tratou de cosmologia e física parece algo confirmado pelos testemunhos essenciais de Aristóteles, Teofrasto e Simplicio. Mas as suas ligações com a geometria, ou ainda com a geografia e a história (...) são bem menos seguras, tendo em vista a exiguidade dos indícios (p. 83).’ Além disso, o A. nota também uma certa incompatibilidade teórico-metodológica entre os pressupostos estabelecidos por Heidel e os dados que a tradição deixou: ‘Se assim fosse, ele não deveria apresentar a lei primordial do cosmo, os fenómenos naturais, nem tratar de mundos infinitos, ou da origem dos animais (p. 118).’ Esta é, a meu ver, a objecção principal. Como classificar de ‘geógrafo’ ou ‘historiador’ um pensador que supõe, numa certa forma de atomismo *avant la lettre*, a existência de vários mundos? É profundamente incompatível.

Finalmente, o *Apêndice II* reúne um conjunto de dados arqueológicos, criticamente apresentados, sobre a figura do filósofo: uma estátua de uma *korê* que lhe poderá ter pertencido (pp. 133-134); um leão (símbolo de Mileto, a sua cidade-natal) também com o seu nome gravado (pp. 135-136); a chamada ‘Inscrição de Taormina’ que apenas refere a paternidade do filósofo e a sua relação com Tales (pp. 137-138); um *kylix* com figuras alusivas ao

seu pensamento (pp. 138-139); e também uma recolha de representações antigas sobre Anaximandro e o seu pensamento (pp. 139-142).

RODOLFO LOPES

J. A. LÓPEZ FÉREZ (ed.) *Mitos clásicos en la literatura española y hispanoamericana del siglo XX* (tomos I y II), Madrid, Ediciones Clásicas, 2009. 1133 pp.

Nos encontramos ante una recopilación magnífica de trabajos sobre la presencia de los mitos en la literatura de habla hispana del s. XX, y no solo de la española sino también de la hispanoamericana.

Es una inestimable labor la del editor e impulsor de estos estudios, Juan Antonio López Férez, que –según un ambicioso proyecto– ha ido reuniendo en sucesivos Coloquios internacionales, año tras año, a prestigiosos especialistas españoles y de otras naciones, con el propósito de ofrecer en visión íntegra las diversas influencias que han ejercido los mitos clásicos en los autores de la literatura de habla hispana de todos los siglos, desde sus orígenes hasta casi hoy mismo, finales del s. XX. Ahora los frutos de esta tarea que podríamos denominar ciclópea van saliendo a la luz, finalmente publicados en estos volúmenes.

Comenzando por la etapa última, en recorrido inverso, como sucedió en los Coloquios, son los autores del s. XX los primeros. Y a ellos se les dedican dos tomos extensos, de manera que organizadamente pueda dividirse el ingente material (la investigación en su afán de ser completa, casi exhaustiva, abarca una muy vasta colección de autores de la centuria) en mitos de la literatura española, por un lado, en el tomo I, y de la hispanoamericana, por otro, en el tomo II.

El tomo I consta de 33 artículos, cuyo contenido esencial intentaremos resumir:

El primero –al seguirse un orden cronológico, como es natural– remonta su objeto de estudio al inicio del siglo e incluso a las postrimerías del s. XIX: “Vigencia de la mitología clásica en la poesía de Rubén Darío”, de **M<sup>a</sup> Luisa Arribas** (UNED. Madrid), que indica un cierto acercamiento del poeta a la cultura clásica (con conocimientos de latín y griego) ya en su primera formación y un indudable interés por la mitología, a la que recurre con gran frecuencia, de manera muy personal. Tras el análisis centrado